

Uma última palavra, referente à presença de mobiliário urbano e elementos gráficos. Embora com um grau de permanência reduzido, de fácil aparecimento, substituição e desaparecimento, estes elementos podem desempenhar um papel importante na definição da imagem urbana. No caso estudado, porém, a malha apertada dos arruamentos e o facto de se tratar quase exclusivamente de habitação, fizeram reduzir este tipo de elementos apenas à presença de alguns candeeiros e caixotes do lixo.

4.1.3 O Vazio

O vazio urbano constitui a parte não construída do aglomerado urbano, como uma imagem em negativo deste. É delimitado pelas frentes construídas ou arborizadas e pela modelação do terreno, sendo tão importante para a caracterização da morfologia urbana como o construído. De facto, é sempre da sua conjugação (cheio/vazio) que resulta a percepção da forma urbana, ainda que o vazio tenha resultado espontaneamente do espaço que foi sendo deixado livre pelas construções, no seu processo de crescimento ao longo do tempo¹¹.

O vazio, enquanto espaço público, é, além disso, o lugar privilegiado do encontro social, da circulação e também da percepção da imagem urbana, uma vez que permite a sua continuidade sequencial. Dele depende muitas vezes a percepção das formas construídas, dos monumentos, do modo como são evidenciados e da sua «*mise en scène*», como no largo da Fonte da Vila.

O sistema de ruas está hierarquizado. As ruas da Fonte, do Mercado e Nova são estruturais, estabelecendo entre elas um triângulo de ligação aos espaços então mais importantes da vila: a fonte, o castelo e a ermida de Santa Maria (elementos estruturantes da malha urbana). São por isso as mais importantes e de acessibilidade mais directa e portanto as menos estreitas (3,5m de largura) e mais rectilíneas. No entanto, o seu comprimento, declive e as próprias frentes urbanas que as delimitam definem qualidades intrínsecas a cada uma.

As restantes ruas são secundárias, ainda mais estreitas e sinuosas, mas igualmente definidoras do traçado urbano, tendo tomado forma posteriormente às primeiras e delas partindo na direcção da fonte, ou interceptando-as (rua da Judiaria).

¹¹ Em épocas mais tardias como a Barroca, o vazio será muitas vezes resultado de uma intenção voluntária e projectado em conjunto com o cheio, para que da sua conjugação resulte o efeito previamente pretendido. Para a análise do vazio urbano consultem-se de novo as plantas das figuras 4.1 e 4.2.

A sinuosidade dos arruamentos é outra das suas características. Em raros casos (ruas Nova, da Judiaria e do Arçário), temos a sua total percepção, pois uma curvatura mais ou menos acentuada nos impede de ver o seu final. A topografia impõe aos arruamentos um acentuado declive e muito da beleza deste conjunto urbano reside nisso mesmo. Nalgumas ruas, o desnível entre o ponto mais alto e o mais baixo é tal, que é vencido por degraus ou até degraus rampeados. A rua da Judiaria é a única que se implantou paralela às curvas de nível e é por isso relativamente plana.

Devido à irregularidade das parcelas construídas, as ruas não mantêm constante a sua largura, estando sujeitas a estrangulamentos, alargamentos, ou até pequenas inflexões (rua do Mestre Jorge).

Estreitas, íngremes e ligeiramente curvilíneas, as ruas são assim quase todas cortadas visualmente, transmitindo um carácter de interioridade, intimismo e constrangimento, reforçado em alguns casos pela altura dos edifícios que as ladeiam, certamente mais altos agora do que originalmente¹².

No entanto, no ponto mais alto dos arruamentos conseguem-se perspectivas de relativo desafogo visual para o campo, na rua Nova e ruína da Judiaria, para a encosta em frente (Torrinha) nas ruas do Mestre Jorge e da Fonte e mesmo para Marvão nesta última¹³. Outras têm enfiamentos interessantes para elementos de identificação visual, como a rua do Mercado, a caminho do castelo, enquadrada pela sua torre de menagem, ou a rua Nova, a caminho da igreja de Santa Maria, com a visão das suas torres. Não deixa de ser curioso que, precisamente a rua da Judiaria, relativamente plana, direita e terminando no campo, é a excepção a todas as regras, tendo por tudo isso uma vivência diferente das anteriores.

A topografia e o solo constituem um elemento morfológico importante na percepção das formas urbanas, enquanto seu suporte, quer pela modelação do terreno que daí advém, quer pelas características do seu revestimento.

Predominam nesta área as calçadas pavimentadas com cubos de pedra irregular, onde por vezes aflora alguma irregularidade granítica e onde alguns degraus de acesso às habitações avançam sobre o espaço público. O escoamento é feito lateralmente junto aos edifícios construídos e ao meio da rua no caso particular da rua da Fonte. Existem ainda vestígios de um pavimento de desenho provavelmente

¹² Esta impressão é sentida fisicamente por quem passa nas ruas Dr. José António Serrano, Diogo Belo e particularmente na travessa do Mestre Jorge, que nos transmite a sensação de devassar um espaço privado.

¹³ Vejam-se as figuras 4.13 a 4.16.

de origem medieval (em cruz) no final da rua do Mestre Jorge e junto à sua bifurcação com a travessa do mesmo nome¹⁴.

A modelação do solo intervém em grande escala na definição do vazio urbano e na sua imagem, com as suas concavidades ou convexidades, diminuindo ou acelerando o ritmo de progressão da análise sequencial. A rua da Fonte é a mais declivosa, isto se exceptuarmos os troços de escadaria da rua e travessa do Mestre Jorge. São particularmente relevantes as lombas que sobem e descem na rua do Mercado.

Os cruzamentos entre as ruas são, por vezes, pretexto para acontecerem pequenos alargamentos na malha apertada do espaço construído, constituindo, por isso, momentos singulares do próprio tecido urbano. Surgem da simples convergência dos arruamentos, ou das rupturas históricas do tecido construído e funcionam como pequenos espaços de descompressão, por vezes convidativos à estadia, contrastantes por isso com o constrangimento das ruas, que servem essencialmente para percorrer.

São além disso, igualmente estratégicos para a percepção das formas urbanas, pois permitem um desafio visual para duas ou mais ruas e também para a encosta, em particular nos pontos mais elevados (todos os cruzamentos da rua da Judiaria com as ruas descendentes).

Na zona em estudo, encontramos estes nós nas confluências das ruas do Mercado, com a do Dr. José António Serrano, com a da Judiaria e a de Mestre Jorge; da rua de Mestre Jorge com a travessa do mesmo nome; e da rua Nova com a dos Serralheiros. Já com outra escala surgem o largo do Arçário e o largo da Fonte da Vila.

O largo da Fonte da Vila é, como seria de esperar, o vazio urbano de maior expressão de todo o conjunto, não só por ser de facto maior, mas por ser o ponto de confluência de quase todos os arruamentos. A sua escala urbana parece concordar com essa importância. Além disso a sua percepção é quase sempre feita de um ponto mais alto (à excepção da rua da Porta Nova que vem de uma cota mais baixa), quase como uma vista panorâmica.

No entanto, esta visão nunca é directa, devido à sinuosidade das ruas convergentes e, se bem que seja insinuada antes, só é revelada completamente quando lá se chega. A própria fonte fica num plano mais baixo do que o plano do

¹⁴ Referimo-nos ao pavimento presente na figura 4.10.

largo, sendo percepcionada de cima. É interessante notar como é posta em evidência, ao ser envolvida, do lado norte, por um conjunto homogéneo de edifícios, que lhe servem de pano de fundo, quando lidos dos principais acessos.

4.1.4 A Permanência das Formas Urbanas

Falar de morfologia urbana implica também o estudo do desenvolvimento urbano no tempo, da mutabilidade ou permanência das formas urbanas, seja por crescimento, densificação ou o inverso.

As representações mais antigas da vila são os desenhos de Duarte d' Armas, da segunda década do séc.XVI¹⁵. Um deles, reproduzido na figura 4.17, retrata precisamente a vertente Nascente da encosta, a da Judiaria, onde se destacam bem visíveis: o castelo com a sua imponente torre de menagem, a torre do relógio, a Porta da Vila, três igrejas na zona mais plana e a amálgama do casario descendo a encosta. Uma rua sobressai, definida por casas mais ou menos alinhadas e encimada por um arco. Parece ser a rua da Fonte. Do lado esquerdo não se conseguem perceber mais ruas, nem mesmo a de Santa Maria, ou a do Mercado, que certamente já existiriam. A Fonte da Vila não está representada e do arco, que alguns dizem ter levado as portas que fechavam a judiaria¹⁶, já não restam quaisquer vestígios hoje. Terá existido? E se fechava de facto a judiaria, onde é que esta se situava, encosta abaixo?

Parece-nos, em primeiro lugar, que a encomenda de D. Manuel visava essencialmente o levantamento das fortificações do reino, pelo que o objecto principal era o castelo e a restante vila podia ser esboçada mais ou menos livremente, dado que a imagética habitacional de Duarte d' Armas é idêntica para outras localidades.

Por outro lado, se compararmos o desenho com uma vista actual, a imagem do bairro é hoje completamente diferente¹⁷. No desenho, as casas térreas ou de dois pisos descem a encosta soltas umas das outras e com desníveis suficientes entre elas para permitir janelas nas empenas. Também os telhados têm as cumeeiras perpendiculares às fachadas, precisamente ao contrário do modo como estão posicionadas hoje.

¹⁵ Existe também uma representação muito semelhante e da mesma época na Biblioteca Nacional de Madrid, a qual vem reproduzida em António Repenicao, *Relação de Sucessos Históricos*, Castelo de Vide, 1965, p.265.; embora nos pareça ser, tal a sua semelhança, uma *montagem* das duas representações de Duarte d' Armas existentes.

¹⁶ Cf. D. S. Trindade, *Castelo de Vide, Subsídios para o Estudo da Arqueologia Medieval*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa, 1979, p.133.

¹⁷ Nas figuras 4.17 a 4.21 confrontam-se com o desenho de Duarte d' Armas diversas fotografias da encosta da Judiaria, do final do século XIX à actualidade.

Pelas eventuais dificuldades de representação e liberdade de criação julgamos o desenho fantasioso, no que respeita ao arrabalde. Mas será fantasioso a ponto de inventar um arco onde este nunca terá existido?

Sabemos que a estrutura fundiária é crucial para a definição da morfologia urbana, uma vez que o lote é limitador da forma urbana e, portanto, do espaço urbano. Inteligentemente adaptada à topografia, às necessidades de irrigação e ao sistema viário, o parcelamento fundiário do solo é responsável pela implantação estruturada das formas no território. Além disso, a sua persistência no tempo perdura muitas vezes para além do contínuo processo de acumulação e desaparecimento das formas urbanas, que constitui o processo de produção da cidade.

Deste modo, a estrutura fundiária pode ser um precioso auxiliar no estudo da produção do espaço, permitindo explicar a configuração das formas urbanas, dos vazios resultantes, dos seus alinhamentos etc., mesmo quando estas já foram alteradas. Afinal, a história das cidades é muitas vezes a história da propriedade e o parcelamento permanece como uma ordem subjacente à modelação do espaço urbano¹⁸.

Para o caso de Castelo de Vide, porém, a informação de que dispomos é escassa, uma vez que não há plantas cadastrais da vila e a planta mais antiga que apresenta a configuração dos arruamentos e quarteirões data já do século XIX, visto que anteriormente o interesse residiu apenas na sua representação enquanto praça forte, com destaque para as estruturas defensivas.

Posteriormente a esta data, foram executados mais alguns levantamentos, cujas plantas se assemelham cada vez mais à actual. O levantamento de Pedro Folque em 1818 constitui assim a mais antiga representação em planta com a definição da área em estudo, ainda que não tenha designados os arruamentos. Quando confrontada com uma planta actual, verificamos que praticamente não há alterações relativamente à configuração do traçado¹⁹.

Outras razões nos levam a pensar na permanência da estrutura urbana. É preciso ter em conta o ritmo a que se davam os acontecimentos e consequentemente a transformação. Hoje em dia temos uma velocidade e capacidade de transformação

¹⁸ «E se a mobilidade imobiliária faz mexer a cidade, a força de inércia desta malha parcelar exprime-se na maior parte das cidades e é capaz de explicar, o espaço urbano, volumetrias, vazios, fachadas, através dos ajustamentos que sofreu ao longo da história». Adam Yedid, *ob. cit.*, p.43 (tradução livre).

¹⁹ Confrontem-se as plantas históricas das figuras 2.9 e 2.10 com uma actual, por exemplo, a da figura 4.2.

avassaladora, mas na época que estamos a tratar, o crescimento era realmente lento.

Por outro lado, Castelo de Vide não sofreu nunca um desenvolvimento extraordinário em épocas mais recentes, que adulterasse a estrutura urbana já existente, nem um qualquer cataclismo que induzisse a transformação urbana²⁰. Muito pelo contrário, as alterações de substituição processaram-se quase exclusivamente na zona Sudeste da vila, demolindo as muralhas para novas expansões e na plataforma central, onde o elevado estatuto do lugar deitou efectivamente alguns edifícios abaixo para se construírem novos palacetes burgueses.

Deste modo, também porque o traçado apresenta, ainda hoje, *uma limpeza e coerência notáveis*, podemos afirmar que a estrutura da malha urbana se terá mantido quase inalterável até aos nossos dias.

Uma excepção poderá ter tido lugar nos terrenos entre a fortificação medieval e o início do bairro, pois as casas da rua da Judiaria implantaram-se a uma distância razoável daquela. Duarte d' Armas apresenta-as, de facto, situadas a uma cota mais baixa que as casas do lado esquerdo e por isso mais distantes do castelo.

Terá sido mesmo assim? Ou poderá este espaço ter sido igualmente construído e, posteriormente, se terem deitado abaixo algumas construções quando, a partir do séc.XVII, se constrói a segunda linha fortificada?²¹ Provavelmente só uma investigação de âmbito arqueológico poderá trazer mais esclarecimentos à questão, mas parece-nos à partida, que tão significativa área possa ter recebido construções em épocas mais recuadas e actualmente já desaparecidas.

A mutabilidade do conjunto urbano terá sido, então, mais notória ao nível do edificado e da topografia²². O crescimento urbano terá acontecido por densificação em altura, passando de um e dois pisos para três e até quatro e, nalguns casos, para o interior dos quarteirões, como, aliás, acontece vulgarmente.

²⁰ Julgamos que as sucessivas guerras que afectaram a vila, particularmente as do século XIX, terão obrigado a variadas reconstruções do edificado, mas não ao ponto da alteração da estrutura urbana.

²¹ Veja-se, por exemplo, a seguinte constatação: «(...) porque Castelo de Vide tem um número considerável destes pormenores de arquitectura medieval [portas ogivais] e mais teria se não fossem demolidas muitas outras e as suas pedras aproveitadas nos paramentos das muralhas mais recentes da vila, o que se observa facilmente». Benvindo Ceia, «Notas Mediévicas de Castelo de Vide» in *Terra Alta, Antologia de Castelo de Vide*, dirigida e organizada por J. A. Gordo, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1935, p.224.

²² As escavações arqueológicas na chamada sinagoga revelaram, por exemplo, no actual "quintal" do imóvel a identificação de um piso do séc. XVI a uma cota 1,80m inferior à cota da actual soleira da porta. Cf. Carmen Balesteros; Jorge Oliveira, *A Judiaria e a Sinagoga de Castelo de Vide*, Sep. de *Ibn Maruán*, nº 3, C. M. Marvão, 1993, p.13.

Os edifícios são, na verdade, elementos mais facilmente mutáveis, embora aqui não tenhamos indícios de grandes alterações na sua configuração ao longo do tempo, quer pela regularidade com que ainda hoje formam os quarteirões, quando observados em planta, quer pelo ritmo regular das coberturas que a fotografia aérea apresenta²³. Mesmo os três quarteirões entre a rua do Mestre Jorge e a rua Dr. José António Serrano, de forma um pouco mais irregular, por força da topografia e do constrangimento espacial, são ainda assim de leitura bastante coerente, quando comparados com a desordenação interior que apresentam alguns quarteirões do arrabalde Sul²⁴.

Por sua vez, os períodos de regressão ter-se-ão manifestado com algumas alterações cadastrais, pela junção de dois lotes num, como ainda neste século aconteceu e alguma rarefacção do tecido urbano, com o verde dos quintais a ocupar anteriores lotes construídos, como referimos anteriormente.

As mais antigas fotografias da área, correspondentes aos finais do séc. XIX, permitem também confirmar esta continuidade das formas urbanas, embora a imagem urbana se revele hoje substancialmente alterada²⁵.

²³ Recorra-se à fotografia aérea da figura 2.3.

²⁴ Podemos verificar esta situação na planta geral da vila que apresentamos no anexo 2.1, confrontando a divisão dos quarteirões em lotes, nos vários bairros que compõem a vila. Certas zonas como o interior do castelo e toda a encosta Sul, do canto da Aldeia ao convento de S. Francisco, parecem ter sofrido maiores transformações que o bairro da Fonte da Vila ou a encosta das Encruzilhadas, quer a nível da relação lote/quarteirão, quer da relação quarteirão/espço urbano, pela irregularidade dos próprios edifícios e da sua implantação. Julgamos que em qualquer dos casos a parcela fundiária terá permanecido, ainda que a configuração dos edifícios, nos seus sucessivos emparcelamentos ou outras transformações, não permita, à primeira vista, a sua percepção tão clara como na área em estudo.

²⁵ O largo da Fonte da Vila, espaço emblemático de Castelo de Vide, foi sendo fotografado ao longo do último século, permitindo-nos comparar a evolução da sua imagem urbana (figuras 4.22 a 4.25). Nas figuras 4.26 a 4.28 apresentam-se também uma vista antiga geral da encosta e a rua da Fonte numa comparação duma imagem antiga com uma actual.

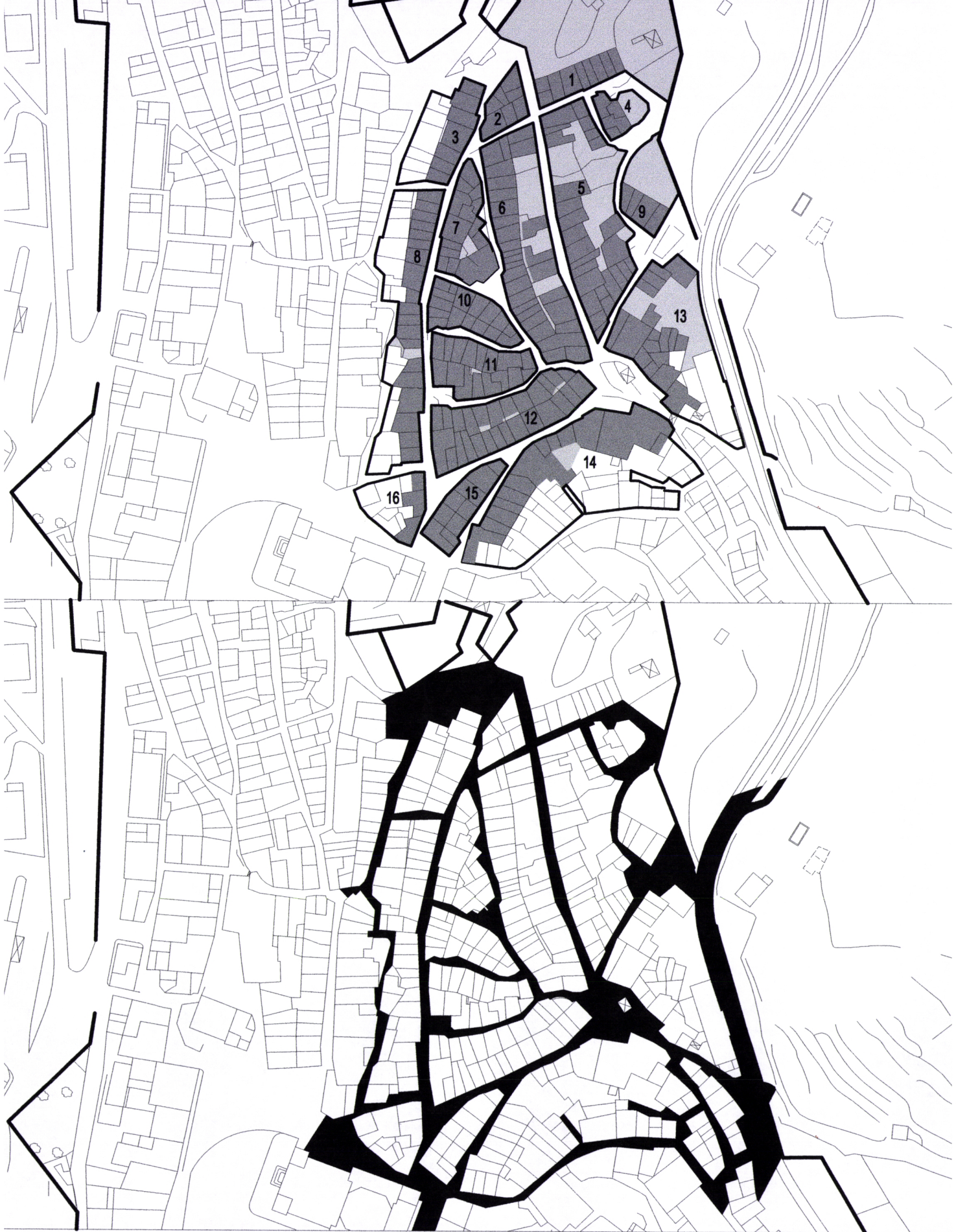


Fig. 4.1 - PLANTA DE CARACTERIZAÇÃO CHEIO / VAZIO

Levantamento e desenho da

1 CHEIO - NÚMERO DE ORDEM DOS QUARTEIRÕES



VAZIO - ESPAÇO PÚBLICO

MANCHA CONSTRUÍDA

LOGRADOUROS



Escala - 1

0 10 20 30 40

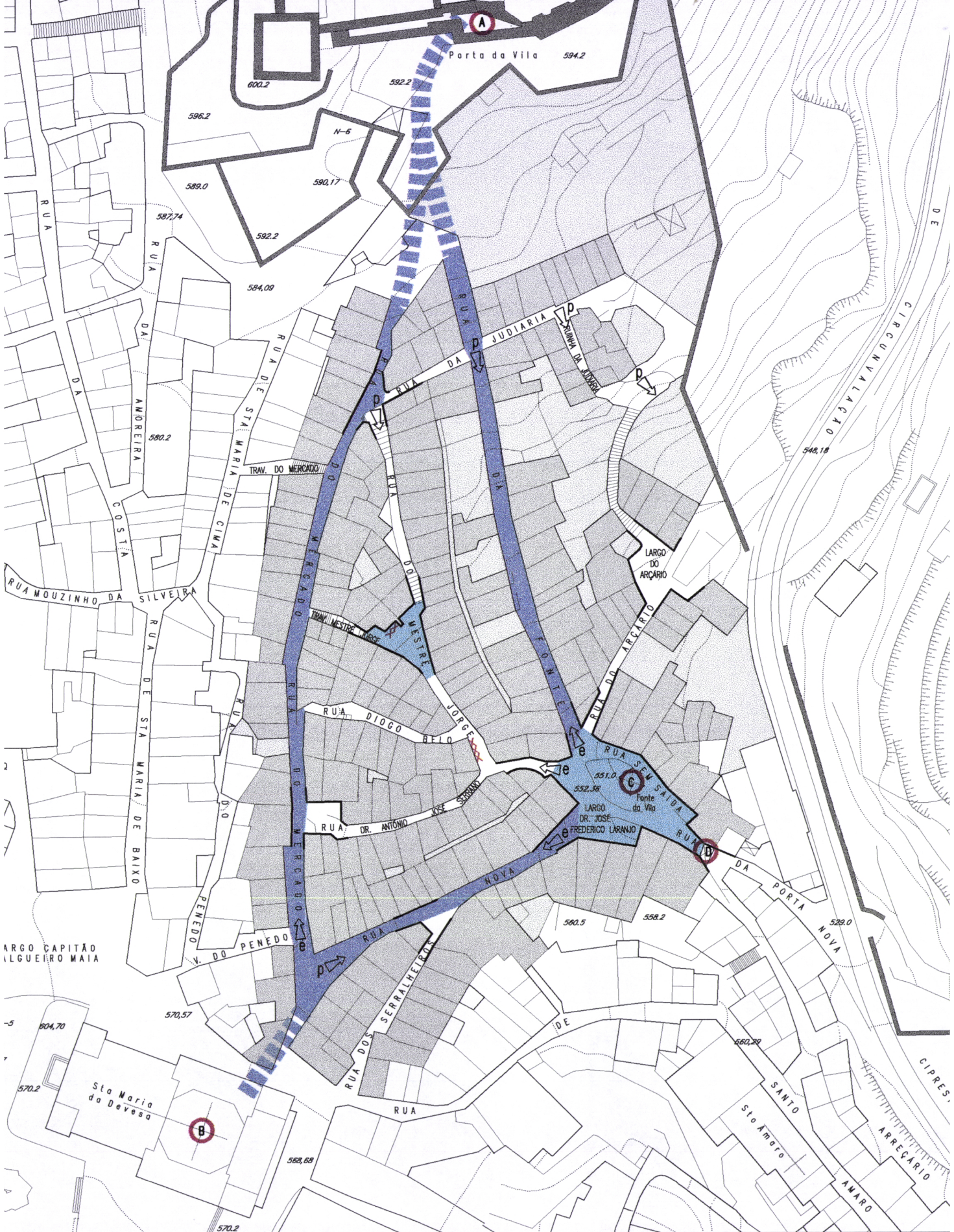
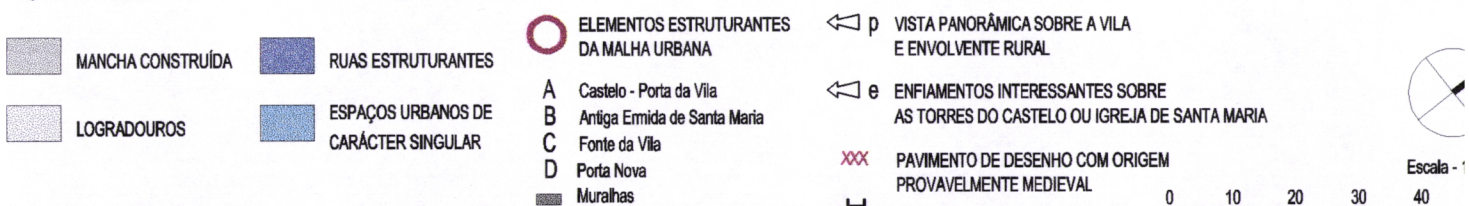
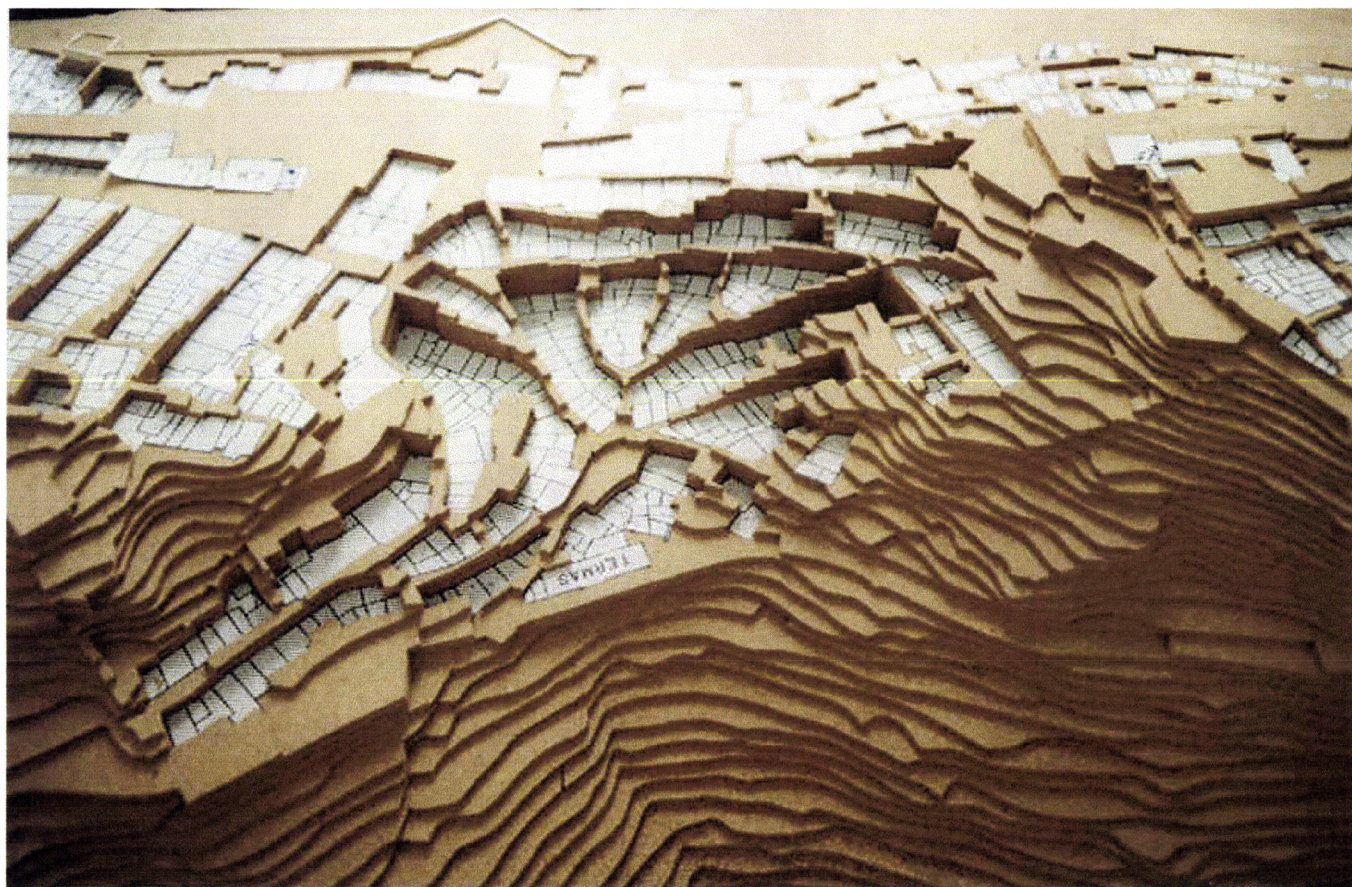
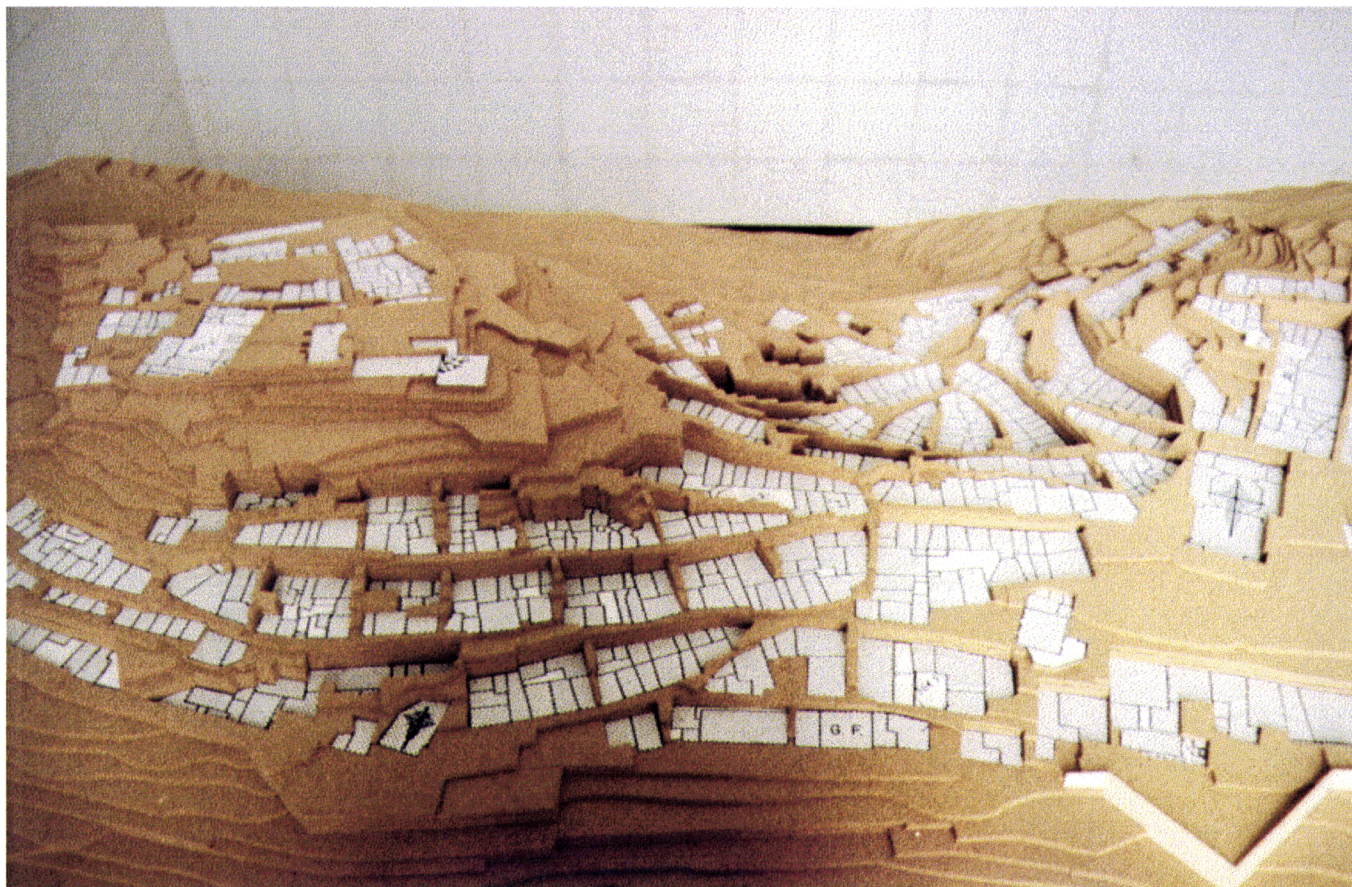


Fig. 4.2 - PLANTA DE CARACTERIZAÇÃO URBANA

Levantamento e desenho de





A MALHA URBANA

(fotos da autora)

Fig. 4.3 - O relevo como elemento estruturador dos vários tecidos urbanos na zona mais antiga da vila - Castelo, encosta Sul e bairro da Fonte da Vila até à Igreja de Santa Maria (maquete de relevo G.T.L.).

Fig. 4.4 - Traçado radioconcêntrico do bairro da Fonte da Vila (maquete de relevo G.T.L.).

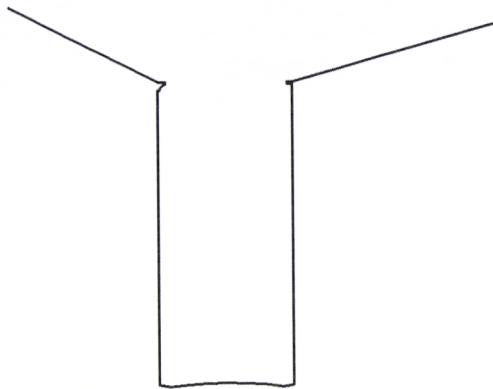


Fig. 4.5 - VISTA AÉREA DO BAIRRO DA FONTE DA VILA

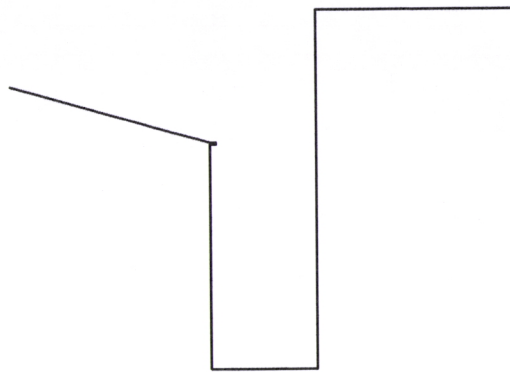


Fig. 4.6 - PERFIS LONGITUDINAIS

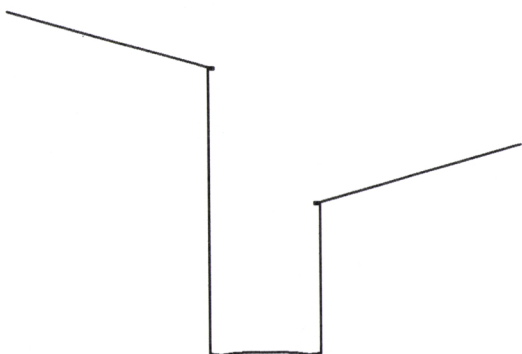
Adaptado de G.T.L. de Castelo de Vide, *Plano de Pormenor da Zona Mais Antiga de Castelo de*



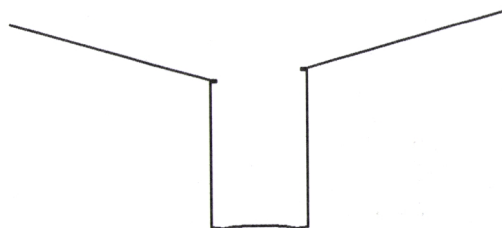
RUA DO MERCADO



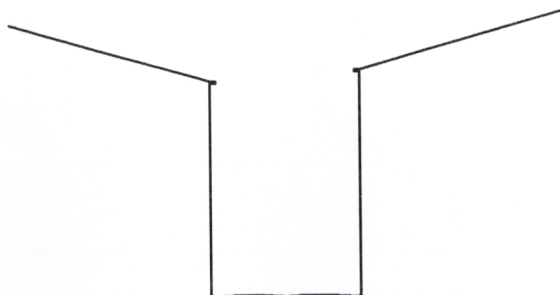
TRAVESSA DO MESTRE JORGE



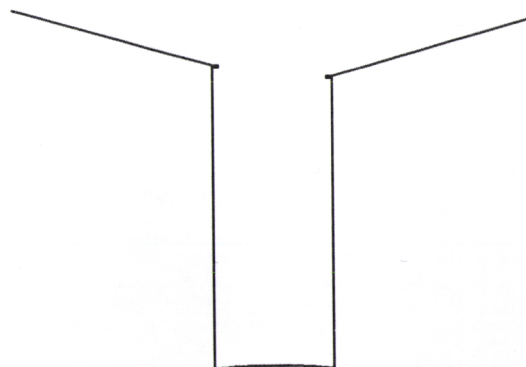
RUA DA JUDIARIA



RUINHA DA JUDIARIA



RUA DA FONTE



RUA NOVA

4.7 - PERFIS TRANSVERSAIS

Levantamento e desenho da

Escala

0 1 2 3 4 5



ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

Fig. 4.8 - *Rua, Fachadas, Coberturas* - ruína da Judiaria.

Fig. 4.9 - *Quarteirão* - Travessa de esgotos no interior do quarteirão da rua da Fonte e do Mestre Jorge.

Fig. 4.10 - *Solo* - Pavimento de desenho com origem provavelmente medieval na rua do Mestre Jorge.

Fig. 4.11 - *Largo, Logradouro, Vegetação* - largo do Arçário.

Fig. 4.12 - *Monumento* - Fonte da Vila (século XVI).

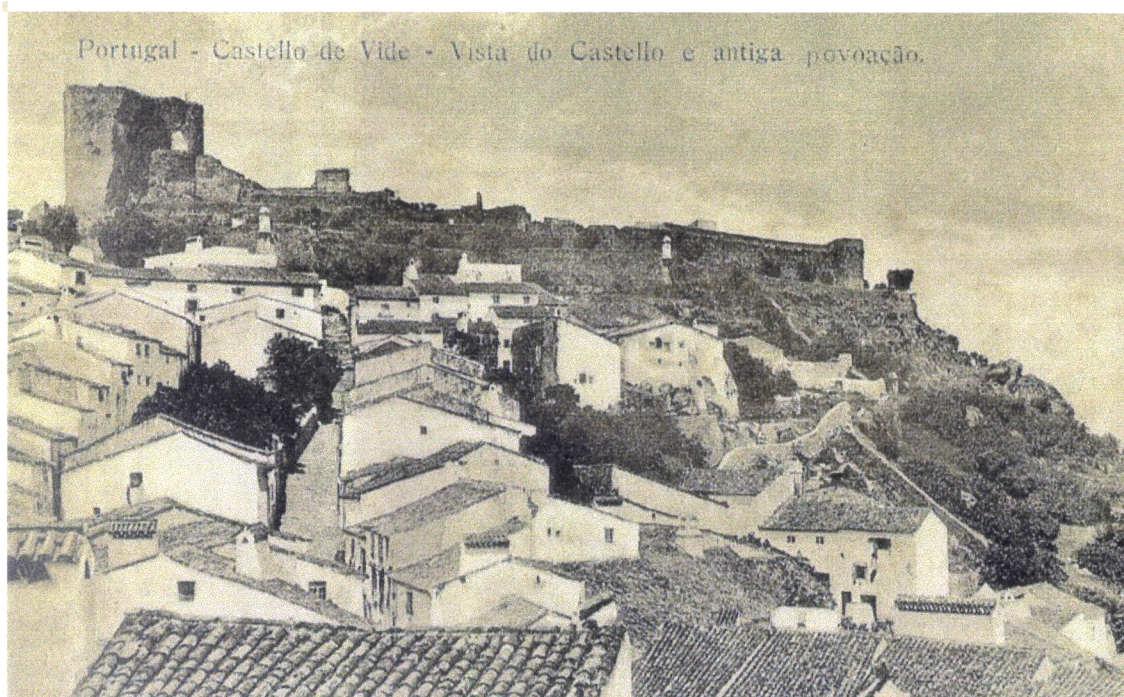
(fotos da autora)



ENFIAMENTOS VISUAIS

(fotos da autora)

Fig. 4.13 - Enfiamento visual para a torre de menagem a partir da rua do Mercado.
 Fig. 4.14 - Enfiamento visual para a torre da igreja de Santa Maria a partir da rua Nova.
 Fig. 4.15 - Enfiamento visual para a torre da igreja de Santo Amaro e panorâmica sobre a vila e Marvão a partir da rua da Fonte.
 Fig. 4.16 - Panorâmica sobre a envolvente rural a partir da ruína da Judiaria.



A PERMANÊNCIA DAS FORMAS URBANAS

(postal 4.17 reprodução da C.M.C.V. do original de Duarte d'Armas; foto 4.18 da C.M.C.V.; postais 4.19 e 4.20 da Secção de Arqueologia da C.M.C.V.; foto 4.21 da autora)

Fig. 4.17 - Vista SE de Castelo de Vide no século XVI, segundo desenho de Duarte d'Armas.

Fig. 4.18 - Vista SE nos finais do século XIX. É de notar uma imagem urbana mais rural, com as fachadas sem os trabalhos decorativos que hoje apresentam e as empenas não caiadas; à esquerda vê-se a continuidade da muralha setecentista antes de ser rompida pela estrada de circunvalação.

Fig. 4.19 - «Vista do castello e antiga povoação» num postal da primeira metade da década de 20.

Fig. 4.20 - «Balneário» e encosta do bairro da Fonte da Vila num postal de 1948. Em primeiro plano o edifício das Termas e a estrada de circunvalação.

Fig. 4.21 - Encosta do bairro da Fonte da Vila, vista actual.